

A revista *Nova Perspectiva Sistêmica* completará 20 anos em dezembro. Crescemos, ampliamos nossos parceiros nacionais e internacionais, sempre buscando oferecer a você, leitor, o que nosso campo, nascido como terapia familiar, vem produzindo: teorias e práticas para a compreensão e atuação em sistemas humanos em que todos os participantes tenham voz, respeitem-se e construam realidades mais favoráveis ao seu próprio desenvolvimento, através de ações colaborativas.

Para a montagem de cada número convidamos alguns autores, recebemos colaborações espontâneas, estimulamos novas participações, principalmente de formandos dos cursos de Terapia Familiar. Procuramos mesclar temas e graus de complexidade de forma a atingir públicos com diferentes níveis de formação.

Coincidências felizes ocorrem.

Neste número, Ricardo Lana Pinheiro e Carla Guanaes, em **O Conceito de Rede Social em Saúde: Pensando Possibilidades para a Prática na Estratégia Saúde da Família**, artigo de caráter teórico e reflexivo, discutem a utilização do conceito de rede social para o trabalho em saúde, especialmente na Estratégia Saúde da Família. Justificam tal utilização descrevendo como a política de saúde atual do Brasil se pauta por um referencial amplo de saúde, que considera não apenas seus determinantes biológicos, como também psicológicos e sociais. Os autores apresentam, ainda, subsídios do enfoque construcionista social que sustentam a aproximação com conceitos de redes sociais e suas utilizações na saúde. E oferecem referencial que dialoga com o artigo sobre o trabalho realizado pelas autoras Rosa Maria Stefanini Macedo e Ester Schomer, em **Um por Todos e Todos por Um: Trabalhando as Vivências e Contribuições de um Grupo de Familiares de Homens com Transtornos Alimentares**, um estudo cujo objetivo é compreender como os membros de famílias de homens com transtornos alimentares atribuem significado à sua experiência, através da análise de sessões terapêuticas de um Grupo Reflexivo com esses familiares, visando melhor engajamento de seus filhos no tratamento ambulatorial. O grupo foi concebido como um espaço de conversação onde novas realidades podem ser construídas e significadas por meio da negociação de sentidos entre os participantes. O artigo aponta como aumento de “agenciamento”: maior proximidade, participação e empenho por parte dos pais no que se refere ao tratamento dos seus filhos, encorajando-os a encarar as dificuldades.

Nosso colega editor Adriano Beiras, atualmente fazendo doutorado em Barcelona, recebeu de Maurício Andolfi o artigo **Como Restituir a Voz e a Competência à Criança por Meio de Terapia Familiar**, que traduzimos para essa edição. O autor utiliza a competência relacional das crianças, que passam a se tornar uma verdadeira ponte entre as gerações. Em um contexto terapêutico voltado a valorizar seus recursos em lugar de tratar simplesmente dos sintomas, seus distúrbios psicológicos/psicossomáticos podem assumir um valor e um significado positivos e a criança pode ser considerada uma consultora do terapeuta na terapia de casal. Sem qualquer conhecimento de que iríamos publicar este tema, nossa colega carioca, também do Conselho Editorial, Eloisa Vidal Rosas envia o artigo **Terapia de família com crianças: a mágica possível**. A partir da descrição de uma terapia, a autora ilustra alternativas e possibilidades que foram trazidas ao campo da terapia por autores representativos das correntes críticas pós-modernas. Quando, em lugar de descrever as crianças levadas à terapia como portadoras de um problema, amplia-se o olhar para considerá-las parte de um contexto e integrantes de uma rede de comunicações entre os seus responsáveis, levando em conta as possíveis contradições que ocorrem no encontro de modelos familiares diferentes, as dificuldades ou sofrimentos tendem a se dissolver. “A mágica é possível.”

Outra parceira de longa data, Tânia Almeida, compartilha importante parte teórica de sua tese de doutorado, apresentando **As Bases Teóricas da Mediação**, artigo em que seleciona quatro pilares teóricos que sustentam o cenário onde a Mediação se desenvolve – a ética, o pensamento sistêmico, o processo de diálogo e os processos reflexivos. A linguagem é considerada como o solo no qual esses pilares teóricos e todos os demais que sustentam essa prática estão erigidos. Refletindo sobre tais pilares, você pode dialogar com uma prática de mediação escolar no artigo **A Construção de um Projeto de Mediação de Conflitos e de Cultura de Paz: etapas e desafios**, de Marianne Ramos Feijó, Patrícia Liberali Stelata e outras, que relata a experiência de construção e de acompanhamento de um projeto de Mediação de Conflitos e de Cultura de Paz em uma instituição social na área de educação, de prevenção e de mediação de conflitos, envolvendo colaboradores, educandos e seus familiares.

Completando os artigos deste número, Camila Roberta Lahm-Vieira, Mariana Gonçalves Boeckel e Paula Grazziotin Silveira Rava, colaboradoras do Rio Grande do Sul, propõem uma breve reflexão teórica centrada nos principais fundamentos e na caracterização das técnicas e objetivos terapêuticos propostos por distintas abordagens narrativas. Através da compreensão dos elementos presentes na atuação do(a) psicoterapeuta, elas analisam as propostas das terapias narrativas e sua implicação para a prática clínica no texto **Revisando Intervenções Narrativas: Ferramentas para o Contexto Terapêutico**.

Na seção **Ecossistemas**, Solange Hubner e Vanja David dos Santos dialogam com o artigo publicado no número 39 da NPS, em dezembro de 2010: **E Agora, Sou Eu Quem Cuida?: A Percepção de Cuidado por Irmãos de Pacientes Portadores de Esquizofrenia**. O artigo apresenta as pessoas chegando à terapia no PROESQ cheias de histórias de encontros em que não foram escutadas. Uma atividade de acolhimento – Famílias Parceiras em Saúde Mental – gerou o interesse de

entender melhor a perspectiva e as vivências de irmãos dos portadores; e assim, orientada pelo enfoque colaborativo de Harlene Anderson, foi conduzida uma pesquisa qualitativa em que foi criado um contexto dialógico para dar voz aos irmãos cuidadores, com o propósito de “construir os sentidos e sentimentos gerados nessas relações após a eclosão da doença”. As autoras da seção Ecos nos convidam a ressignificar narrativas a respeito da doença mental, bem como a nos incluímos nas conversas com as famílias dos portadores, tecendo conexões que ajudem a construir um mundo menos intolerante às diferenças.

Valéria Meirelles traz para a **Estante de Livros** um tema relevante e pouco explorado apresentando o livro **Até que o Dinheiro nos Separe**, de Cleide Guimarães, que, nas palavras da autora, tem como objetivo “compreender se os jovens casais sem filhos estabelecem ou não acordos sobre os aspectos de sua vida financeira e se constroem compromissos financeiros”. Em uma sociedade onde quase tudo que até pouco tempo era considerado assunto da vida privada tornou-se público, “*até os terapeutas, que não hesitam em discursar sobre assuntos relacionados a sexo e poder, raramente falam sobre questões relacionadas ao dinheiro. Eles dificilmente falam ou escrevem sobre como lidar com o dinheiro como parte importante do desenvolvimento do ser humano*” (Madanes e Madanes, 1994).

Até que o dinheiro nos separe é de leitura agradável, com conteúdo seriamente embasado, exemplos dos casais entrevistados e um depoimento de atendimento clínico da autora. É ferramenta extremamente importante tanto para nós terapeutas quanto àqueles que querem entender e viver uma vida financeira melhor com seu/sua namorado/a, companheiro/a, esposo/a, criando seu próprio estilo financeiro, posição alinhada com a pós-modernidade na qual as possibilidades de escolhas oferecem novas narrativas de vida às pessoas e à sociedade.

Em **Conversando com a Mídia**, Rosana Galina reflete sobre dois filmes, premiados no Oscar de 2011: *O Discurso do Rei* e *Cisne Negro*. E aponta para parcerias de respeito, solidariedade, facilitadoras da superação da gagueira do futuro rei Jorge VI da Inglaterra comparando com parcerias ambíguas da bailarina com a mãe e o coreógrafo, em que a destrutividade e a linguagem paradoxal são a base da comunicação e da relação. A coerência e a constância na relação são importantes para o desenvolvimento da confiança e da liberdade *do vir a ser*, principalmente quando se estabelece uma parceria. Em ambos os filmes, os parceiros buscavam o mesmo objetivo, mas *o como* cada um fundamentava e encaminhava a conquista é visceralmente diferente. Rosana termina com perguntas para nós terapeutas: como caminhamos na distinção das diferentes parcerias que se formam em casais e famílias? Como abrir novas portas para uma comunicação ampliadora?

Família e Comunidade em Foco fecha a revista com um importante texto de Sonia Beatriz Sodré Teixeira: **Os Assistentes Sociais e a Terapia de Família: Uma Reflexão Necessária**. A autora aponta a complexidade da questão do que se considera “terapêutico” e quem estaria capacitado para tal. Em seu ponto de vista, trabalhar hoje numa perspectiva terapêutica em nada afasta as possibilidades de se focar a ação dos assistentes sociais na direção da luta por cidadania e na criação de condições para que os usuários efetivamente possam se tornar sujeitos. Um desdobramento necessário dessas reflexões recai nos institutos for-

madores e nas equipes interdisciplinares que contam com a participação de assistentes sociais. Assim, como as outras categorias profissionais se posicionam? Quais as ressonâncias no mercado de trabalho? A quem afeta, além dos assistentes sociais, essa medida? As questões estão colocadas e seria muito interessante ouvir as diferentes vozes sobre esse assunto.

E nós, editores da NPS, complementamos: queremos ouvir sua voz sobre este e todos os temas apresentados neste número da sua revista. Boa leitura. Dialogue conosco.

Helena Maffei Cruz